

BC Europeu corta juros e Ibovespa interrompe perdas

Após seis quedas seguidas, Ibovespa subiu 1,23%; dólar caiu 0,89%

DE SÃO PAULO

Após o Banco Central Europeu (BCE) reduzir pela primeira vez desde 2019 os juros em 0,25 pontos percentual, o Ibovespa enfim teve ontem um dia de alívio. A alta interrompeu uma série de seis perdas, alcançando apenas o terceiro ganho desde 16 de maio.

O Ibovespa subiu 1,23% ontem, aos 122.898,80 pontos. O giro financeiro atingiu R\$ 18,8 bilhões. No mês, o índice acumula alta de 0,66%, mas no ano perde 8,41%.

Na B3, com a depreciação acumulada, o dia em geral foi de recuperação bem distribuída pelas ações de primeira linha, as blue chips: os ganhos chegaram a 2,95% no fechamento (Santander Unit, máxima do dia) entre os grandes bancos, enquanto Vale mostrou alta de 1,39%.

Mas Petrobras perdeu força com a ON a -0,03% e a PN subindo 0,47%, o que

impediu que o Ibovespa fosse mais longe.

"Vale e Petrobras vinham pesando demais, e ontem o Ibovespa teria subido não fosse o desempenho das ações dessas duas empresas, que têm grande participação na composição do índice", diz o operador de renda variável da Manchester Investimentos, Gabriel Mota.

PETRÓLEO E MINÉRIO DE FERRO

Ontem, os preços do petróleo e do minério mostraram recuperação conjunta, uma combinação pouco vista recentemente, o que contribuiu para apoiar o avanço de Vale e, parcialmente, de Petrobras na sessão.

Com o ajuste nos preços de commodities, o câmbio também passou por relativa descompressão nesta quinta-feira, com a moeda americana negociada em baixa de 0,89%, a R\$ 5,2508, no fechamento.

Em Nova Iorque, as bolsas operaram sem sinal úni-

co, mas em variações contidas, entre -0,09% (Nasdaq) e +0,20% (Dow Jones), com o Nasdaq e o S&P 500 (-0,02%) tendo renovado ontem níveis recordes de fechamento.

As bolsas da Europa fecharam em alta ontem, estimuladas pelo corte dos juros. O índice pan-europeu Stoxx 600 encerrou em +0,68%, a 524,75 pontos.

Apesar do corte de taxas de juros pelo Banco Central Europeu, o euro ganhou força com o tom conservador do BCE, que elevou as projeções de inflação e não se comprometeu com novos cortes (leia ao lado).

O economista-chefe da Western Asset pontua que a sequência de dados mais fracos de atividade nos EUA não apenas afastaram os temores de mais alta de juros como sugerem que há espaço para o Fed começar a reduzir as taxas em algum momento neste ano. (Estadão Conteúdo)

MIRA NA INFLAÇÃO



A presidente do Banco Central Europeu (na foto sede da instituição em Frankfurt, Alemanha), Christine Lagarde, reiterou ontem que não está se comprometendo previamente com uma trajetória para os juros na zona do euro. Em coletiva de imprensa concedida após o BCE reduzir suas principais taxas de juros em 25 pontos-base, após concluir reunião de política monetária, Lagarde reiterou que as decisões monetárias devem seguir dependentes de dados e manterão na política restritiva pelo "tempo necessário para garantir retorno da inflação à meta". A autoridade ponderou que as expectativas para inflação têm recuado em todos os horizontes e que a perspectiva para os preços teve melhora evidente no bloco, demonstrando que este é o momento "apropriado para

moderar o nível de restrição". Dessa forma, os juros pesarão menos na demanda ao longo do tempo e a economia continuará a se recuperar. No entanto, Lagarde alertou que as pressões inflacionárias domésticas seguem fortes e que a inflação na zona do euro deverá permanecer acima da meta de 2% no início de 2025. "Estamos prontos para ajustar todas as ferramentas de acordo com nosso mandato e determinados a garantir que a inflação retorne à meta de 2%", afirmou Lagarde. Sobre os ajustes, a presidente do BCE pontuou que os dirigentes podem elevar ou manter os juros restritivos por tempo prolongado, se a inflação voltar a subir no bloco ou o cenário global piorar. Por outro lado, o relaxamento da política estaria condicionado à melhora do cenário da inflação.